

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília

VINÍCIUS SILVA LUIZ

**A GUERRA COMERCIAL EUA-CHINA:
Uma Análise Quantitativa do Impacto das Tarifas na Primeira Fase (2018-2021)**

Marília
2026



VINÍCIUS SILVA LUIZ

A GUERRA COMERCIAL EUA-CHINA:

Uma Análise Quantitativa do Impacto das Tarifas na Primeira Fase (2018-2021)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia
e Ciências, para obtenção do título de
Bacharel em Relações Internacionais

Orientador(a): Prof. Dr. Marcelo
Fernandes de Oliveira.

Marília

2026

L953g Luiz, Vinicius Silva
A guerra comercial EUA-China : uma análise quantitativa do
impacto das tarifas na primeira fase (2018-2021) / Vinicius Silva Luiz.
-- Marília, 2026
32 p. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Relações
Internacionais) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade
de Filosofia e Ciências, Marília
Orientador: Marcelo Fernandes de Oliveira

1. Guerra comercial EUA-China. 2. Impacto econômico das tarifas.
3. Análise quantitativa. I. Título.

VINÍCIUS SILVA LUIZ

A GUERRA COMERCIAL EUA-CHINA:

Uma Análise Quantitativa do Impacto das Tarifas na Primeira Fase (2018-2021)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Data da defesa: 05/12/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Oliveira
UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília

Prof. Dr. Luis Antonio Paulino
UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília

Prof. Dr. Vinicius Ruiz Albino de Freitas
UFABC - Fundação Universidade Federal Do ABC

RESUMO

O objetivo deste artigo é realizar uma análise quantitativa da estrutura e dos impactos das tarifas na Guerra Comercial entre Estados Unidos e China, restringindo-se à sua fase inicial (2018-2021). O problema de pesquisa principal é estabelecer a abrangência da cobertura tarifária e seus impactos no volume de importações entre os dois países. A metodologia adota uma abordagem quantitativa, coletando e processando dados da Comissão de Comércio Internacional dos Estados Unidos (USITC) e do Banco Mundial, que são então analisados estatisticamente. A pesquisa foca na avaliação do efeito no comércio bilateral dos produtos tarifados em cada rodada e na alteração do volume total importado. Os resultados revelam a extensão da limitação comercial imposta e o efeito das políticas protecionistas. Por fim, o estudo analisa se os objetivos estratégicos de recuperação da manufatura, crescimento do PIB, geração de empregos e redução do déficit comercial com a China foram atingidos. Esta pesquisa enriquece a literatura ao fornecer uma descrição técnica detalhada da mecânica tarifária utilizada, preenchendo uma lacuna existente sobre a relação entre a extensão dos códigos tarifários e a variação real do comércio durante o período analisado.

Palavras-chave: Guerra Comercial; EUA-China; Tarifas; Impactos Econômico; Análise Quantitativa.

ABSTRACT

The objective of this article is to conduct a quantitative analysis of the structure and impacts of tariffs in the US-China Trade War, restricted to its initial phase (2018-2021). The main research problem is to establish the extent of tariff coverage and its impacts on the volume of bilateral imports. The methodology adopts a quantitative approach, collecting and processing data from the United States International Trade Commission (USITC) and the World Bank, which are then statistically analyzed. The research focuses on evaluating the effect on bilateral trade of the products tariffed in each round and the alteration of the total imported volume. The results reveal the extent of the imposed trade restriction and the effect of protectionist policies. Finally, the study analyzes whether the strategic objectives of manufacturing recovery, GDP growth, job creation, and the reduction of the trade deficit with China were achieved. This research enriches the literature by providing a detailed technical description of the tariff mechanics used, filling an existing gap regarding the relationship between the extent of tariff codes and the real variation of trade during the analyzed period.

Keywords: Trade War; US-China; Tariffs; Economic Impacts; Quantitative Analysis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	8
3	O CONTEXTO DE APLICAÇÃO DAS TARIFAS.....	12
3.1	AS TARIFAS APLICADAS NA SEÇÃO 201	14
3.2	AS TARIFAS APLICADAS NA SEÇÃO 232 DO TRADE EXPANSION ACT E A RESPOSTA CHINESA.....	16
3.3	AS TARIFAS APLICADAS NA SEÇÃO 301 DO TRADE ACT E AS RETALIAÇÕES CHINESAS	18
4	OS EFEITOS CONSOLIDADOS DAS RODADAS DE TARIFAS.....	21
	CONCLUSÃO.....	25
	REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

A guerra tarifária entre os Estados Unidos e a China afetou profundamente o comércio internacional. Iniciada formalmente sob o governo de Donald Trump, em 2018, a disputa comercial que ficou, ao menos em parte, adormecida reemergiu com sua volta ao poder no início de 2025. Trump, recentemente, anunciou novas tarifas sobre produtos estratégicos chineses, bem como de aliados geopolíticos, inaugurando uma nova era e um novo projeto de governo para os EUA. É importante ressaltar que a característica protecionista do presidente é uma tendência que alcançou o mundo nos últimos anos e teve seu auge justamente com a pandemia, que colocou a prova as cadeias globais de valor e demonstrou como a interdependência econômica pode ser um risco para as economias nacionais.

Com a pandemia da covid 19 diversos elos comerciais simplesmente deixaram de existir e centenas de milhares de fornecedores ficaram impedidos de realizar a venda ou entrega de seus produtos. As economias nacionais foram profundamente afetadas, o que causou uma reorganização das cadeias de suprimentos. Temos aqui efeitos como os chamados *Reshoring* e *Nearshoring*. *Reshoring* é definido como o movimento de trazer a produção manufatureira de volta para o país de origem da empresa (GRAY et al., 2013, p.2). Esse fenômeno é visível na atual política industrial americana, exemplificada pelo *CHIPS and Science Act*, que incentiva a produção doméstica de semicondutores, embora a autossuficiência completa enfrente barreiras econômicas (UNITED STATES, 2022a). Já o *nearshoring* é buscar trazer a produção para países geograficamente mais próximos, como é o caso da realocação da produção de automóveis para o México conduzida pelas empresas norte-americanas com apoio do Estado (PIATANESI; ARAUZO-CAROD, 2019, p. 807).

Vale ressaltar que, apesar do foco ser a análise do governo Trump em seu primeiro mandato (2017-2021), especialmente em relação à sua política de tarifas, o governo Biden (2021-2025) deu seguimento e intensificou as políticas industriais voltadas para a segurança econômica e tecnológica interna, o que evidencia o caráter protecionista em certos setores estratégicos. Essa política representa uma nova estratégia de segurança nacional. Segundo Allen (2022), analista do Center for Strategic and International Studies, os controles de exportação implementados em outubro de 2022 indicam que os Estados Unidos não toleram mais o avanço tecnológico da China em setores estratégicos, adotando uma política defensiva. De

maneira semelhante, o Inflation Reduction Act implementou subsídios bilionários para a fabricação interna de veículos elétricos, baterias e energia limpa, ações que buscam reduzir a dependência dos EUA das cadeias produtivas situadas na Ásia e aumentar a resiliência frente a choques globais como o da pandemia (UNITED STATES, 2022b).

O governo Biden tomou ações contrárias ao isolacionismo da era Trump, com o objetivo de reposicionar os Estados Unidos como um ator principal em fóruns e acordos multilaterais. Essa mudança de atitude foi evidenciada pela rápida reaproximação com aliados, pelo retorno ao G-7, pela reintegração aos Acordos de Paris sobre o clima e à Organização Mundial da Saúde. Essas medidas indicaram o retorno dos Estados Unidos a uma ordem global fundamentada na cooperação, em contrariedade à política protecionista *America First* de Trump (WALT, 2021, s.p).

Entretanto, mesmo nessas iniciativas, observa-se uma constante preocupação com a segurança nacional e a competitividade industrial dos Estados Unidos. Isso indica que, embora a política comercial dos EUA sob Biden seja menos agressiva, ela ainda se concentra na contenção do crescimento chinês e na reestruturação das cadeias de valor globais.

Embora algumas medidas dos governos Trump e Biden sejam semelhantes, é importante diferenciar a abordagem de cada um. O Governo Trump (2017-2021) não só utilizou as tarifas como instrumento de negociação, como o fez sob uma doutrina que se afastava significativamente das administrações anteriores. Essa doutrina se apoiava em três fundamentos: a) apelar ao ressentimento contra a globalização e à desindustrialização, atribuindo o declínio da manufatura e o desemprego, especialmente no *Rust Belt*, a 'acordos comerciais injustos'; b) uma obsessão com os *déficits* comerciais, vistos como um sinal de 'roubo' de riqueza e empregos americanos, elevando a redução do *déficit* a um objetivo primário da política tarifária; e c) a expansão do conceito de 'segurança nacional' para além dos domínios militares e para a esfera econômica, conferindo justificativa para o protecionismo (XU, 2025, p. 4-5).

A imposição de tarifas sobre o aço e o alumínio da União Europeia e outros aliados em 2018, sob o pretexto de segurança nacional, é o exemplo máximo dessa nova lógica de protecionismo, justificada pelo descontentamento social e pela visão de que *déficits* significam falha nacional (UNITED STATES, 2018a; UNITED STATES, 2018b).

Ao considerar uma análise da guerra comercial entre EUA e China, a combinação desses elementos geopolíticos e econômicos é de grande importância, pois permite identificar as razões por trás das decisões restritivas, o padrão de decisões e sua alteração na economia americana, além do sucesso ou fracasso dessas ações em conter o crescimento chinês, ou impulsionar o desenvolvimento americano.

Tendo em vista todo esse contexto apresentado, este artigo propõe uma análise quantitativa focada nos impactos comerciais e econômicos da primeira fase da guerra tarifária (2018-2020). Embora a emergência de uma segunda fase do conflito em 2025 tenha aparentemente terminado, não é possível analisar quantitativamente seus efeitos neste momento, uma vez que são prolongados e cujos dados consolidados só estarão disponíveis para análise nos próximos anos. Dessa forma, o estudo limita sua análise aos efeitos das tarifas recíprocas entre EUA e China durante a primeira fase, tendo em vista a influência econômica, geopolítica e o acirramento das tensões entre ambos os países naquele período.

A fim de estruturar a análise proposta, o artigo organiza-se da seguinte maneira: na seção 2, apresentamos a metodologia utilizada. A Seção 3 estabelece o contexto econômico e ideológico da implantação das tarifas pelos seus idealizadores. A Subseção 3.1 analisa a aplicação inicial de tarifas sobre painéis solares e máquinas de lavar. A Subseção 3.2 examina as tarifas sobre aço e alumínio e a resposta chinesa imediata. Por fim, a Subseção 3.3 detalha a escalada do conflito sob a Seção 301, cobrindo as múltiplas listas de tarifação e as sucessivas rodadas de retaliação até a assinatura do acordo que colocou fim ao conflito. A seção 4 faz um apanhado geral dos efeitos das tarifas e as retaliações chinesas bem como os efeitos na economia dos dois países.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada neste trabalho adota uma abordagem quantitativa por meio da análise de dados econômicos. O objetivo é avaliar os impactos da guerra comercial entre Estados Unidos e China durante sua primeira fase (2018-2020) por meio de números, como o impacto das tarifas no volume de importações e exportações para uma análise ampla do comércio bilateral e efeitos no PIB e emprego.

A pesquisa será descritiva e exploratória, uma vez que descreve os impactos das políticas americanas e chinesas no período delimitado. As amostras referem-se a dados quantitativos de importações e exportações entre os EUA e a China durante os anos de confronto comercial. Serão utilizados bancos de dados consolidados, como o fornecido pela Comissão de Comércio Internacional dos Estados Unidos (USITC) e Banco Mundial.

Como o trabalho aborda um período em que existem nuances e incertezas sobre a sua duração, é necessário fixar exatamente qual período será objeto de análise. O primeiro governo do presidente Donald Trump se iniciou em 20 de janeiro de 2017 e terminou no dia 20 de janeiro de 2021. No entanto, consideraremos o marco inicial da guerra comercial com a imposição de tarifas a painéis solares e máquinas de lavar em 07 de fevereiro de 2018. Primeiro, porque sua justificativa na seção 201 tem como caráter a defesa da economia americana de práticas consideradas desleais e menciona a retomada da produção nacional desses bens nos EUA. Segundo, porque as tarifas tiveram como alvo, em particular a China, embora não tenha sido o único país objeto das sanções. No relatório da comissão de comércio internacional são citados México e Korea como alguns dos principais alvos das tarifas de máquinas de lavar e a China no caso de painéis solares (USTR, 2018a, p. 2).

Existe uma discussão quanto ao início da batalha comercial. Alguns autores, afirmam que a data correta seria 23 de março de 2018 com a imposição de tarifas globais sobre o alumínio e o aço (ITAKURA, 2020). No entanto, as tarifas sobre o aço e o alumínio são apenas a continuação da política norte-americana e contém os mesmos objetivos das tarifas sobre painéis solares e máquinas de lavar, sendo estes o de resgatar a indústria estadunidense e diminuir sua dependência comercial da China. É fato que o aço e o alumínio são ativos estratégicos muito mais relevantes e de volume comercial muito maior, porém, seria um erro determinar as tarifas sobre esses ativos como o início do conflito. A justificativa principal para essa política protecionista repousa na necessidade de reverter a dominação chinesa em setores estratégicos, como o de energia solar e terras raras, como defendeu o então Representante Comercial de Trump em seu livro *“No Trade Is Free”* (LIGHTHIZER, 2022, p. 114).

Outra data que poderia vir a ser utilizada para demarcar o início formal do conflito é o dia 6 de julho de 2018, pois nesse dia os EUA implementaram uma lista

de tarifas sob a seção 301, uma medida que mirou somente a China e teve como justificativa suas práticas (USTR, 2018b, s.p). No mesmo dia, o ministério de Finanças da China (CHINA, 2018a, s.p) respondeu com retaliação imediata, a primeira retaliação até então. Essa é a posição considerada por Chad P. Bown, especialista do Peterson Institute for International Economics (2021, p. 8). No entanto, esse não foi o primeiro ataque tarifário direcionado ao governo da China. É importante frisar que logo após a imposição de tarifas sobre painéis solares e máquinas de lavar com base na seção 201, uma série de medidas foi tomada pelo governo dos EUA contra a China para caracterizar e consolidar o que chamamos de Guerra Comercial. Por exemplo, no dia 22 de março de 2018, o United States Trade Representative Executive Office of The President (USTR) lançou o relatório de uma investigação com mais de duzentas páginas sobre práticas chinesas relacionadas a transferência de tecnologia, propriedade intelectual e inovação. O relatório tece dezenas de acusações ao governo da China, inclusive acusações de ataques *hackers* e espionagem do governo chinês para obter tecnologia americana (USTR, 2018c, p. 157).

Foi justamente esse conjunto de declarações do governo dos EUA, do presidente Donald J. Trump, imposição de tarifas e respostas do governo da China que teceu o tom da disputa comercial entre os dois países. É necessário frisar que, embora essas declarações e relatórios sejam de vital importância para uma análise da política externa de ambos os países, para o presente trabalho o foco será apenas na imposição de tarifas e seus efeitos na economia de ambos os países.

Quanto ao fim da primeira fase do conflito, a data que marca a pausa é a assinatura de um acordo comercial entre os governos dos EUA e da China, no dia 15 de janeiro de 2020 (UNITED STATES and CHINA, 2020). O acordo pausou o aumento de tarifas e fez cessar as animosidades entre os dois países, com a sua entrada em vigor um mês depois, em 14 de fevereiro de 2020. Com isso, podemos definir o marco temporal da primeira fase da guerra comercial entre 07 de fevereiro de 2018 e 14 de fevereiro de 2020.

A política tarifária norte-americana no período 2018–2021 foi ancorada em três instrumentos legais principais, cada um com justificativas distintas: o Trade Expansion Act de 1962, por meio da Seção 232, foi concebido em meio à Guerra Fria e permite ao Presidente impor tarifas ou restrições de importação sob o pretexto de ameaça à segurança nacional (UNITED STATES, 1962, p. 6). O Trade Act de 1974 introduziu a

Seção 201, que atua como uma cláusula de salvaguarda, permitindo a taxação de produtos importados em quantidades que causem prejuízo grave à indústria doméstica, mecanismo este utilizado nas tarifas sobre painéis solares e máquinas de lavar (UNITED STATES, 1974, p. 57). O mesmo *Trade Act* estabeleceu a Seção 301, o instrumento de maior alcance, que autoriza o governo dos EUA a tomar medidas contra práticas estrangeiras consideradas discriminatórias, desleais ou que restrinjam o comércio americano, como as investigações sobre roubo de propriedade intelectual e transferência de tecnologia chinesa (UNITED STATES, 1974, p. 124; OLIVEIRA, 2021).

A abordagem metodológica deste artigo se baseia na Análise Exploratória de Dados, que utiliza técnicas de estatística descritiva e visualização gráfica para resumir, interpretar e comparar os dados econômicos (MEDRI, 2011, p. 6, 17, 34). Enquanto estudos econométricos, como o publicado pela *U.S. International Trade Commission* (2023), buscam estimar o efeito causal isolado das tarifas, o objetivo do presente trabalho é realizar uma análise descritiva e comparativa dos padrões observados nos fluxos comerciais e nos indicadores macroeconômicos.

Os dados brutos de comércio bilateral, obtidos junto à *U.S. International Trade Commission* (USITC) foram analisados utilizando os *softwares Excel* e *R Studio* (versão 2025.09.1+401) e o pacote *tidyverse*, para manipulação de dados e criação de gráficos. O R foi escolhido por sua capacidade para manipulação, visualização e modelagem estatística e gráfica. Algumas das possibilidades são médias entre os períodos de aplicação das tarifas, análises temporais e visualizações diversas dos dados (IMAI, 2017, p. 10). Quanto ao Excel, o *software* foi utilizado para a importação dos dados sobre as tarifas e sua limpeza direto da base de dados da USITC.

As séries temporais foram comparadas utilizando o formato de ano completo (janeiro a dezembro) para os anos de 2016 a 2021, garantindo a comparabilidade total dos dados e evitando distorções sazonais. Para cada período, foram calculadas estatísticas descritivas, incluindo soma, média mensal e a participação percentual das exportações totais, a fim de quantificar as variações no volume e a eficácia de cada rodada tarifária. Todos os dados sobre as tarifas foram retirados de fontes oficiais dos governos envolvidos, seja através de relatórios da comissão de comércio dos EUA, proclamações do presidente em documentos que listam os códigos dos produtos a serem taxados e relatórios do governo norte-americano.

3 O CONTEXTO DE APLICAÇÃO DAS TARIFAS

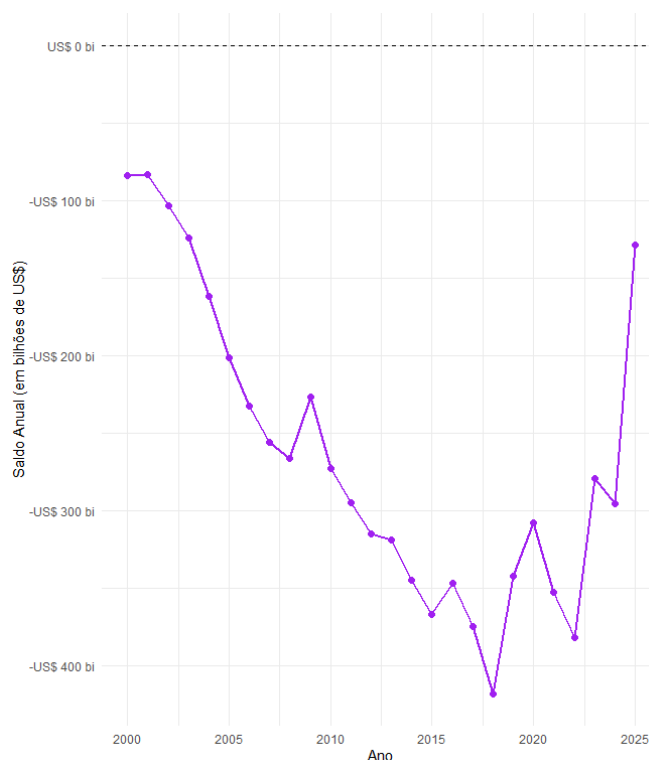
Para compreender como as tarifas afetaram a economia de ambos os países é importante detalhar o contexto e aplicação desses instrumentos econômicos e políticos. As tarifas aplicadas pelos EUA tiveram nascedouro nas ideias de Robert Lighthizer, ex representante de comércio internacional e do próprio presidente Donald J. Trump. Lighthizer foi advogado comercial por mais de 30 anos, trabalhou com o senado norte-americano, na administração Reagan e como representante de comércio dos Estados Unidos de 2017 a 2021 sob a indicação do presidente Trump (LIGHTHIZER, 2022, p. 15-22). Em 2022 escreveu um livro condensando suas ideias que sustentaram sua política comercial nos anos anteriores. No livro, o oficial do governo foca em atacar a China, a organização do comércio e argumenta em favor de políticas de reindustrialização dos EUA a partir da imposição de tarifas como elemento de negociação (LIGHTHIZER, 2022, p. 8-13).

Em especial, o oficial defendeu as tarifas como elemento histórico de crescimento dos EUA desde 1860, sendo responsável pelo *boom* econômico e manufatureiro do país e que todas as economias bem-sucedidas foram construídas através de barreiras comerciais, sejam tarifas, subsídios ou outros tipos (LIGHTHIZER, 2022, p. 46-47). A manufatura é colocada no centro da discussão para o oficial, uma vez que o setor paga salários mais altos e é responsável por grande parte do investimento, produtividade, pesquisa e desenvolvimento do país. Além disso, destaca que um país deve ser capaz de desenvolver seu próprio equipamento militar (LIGHTHIZER, 2022, p. 26, 37-38). Historicamente, o oficial defende que as tarifas são mecanismos que trazem poder de barganha e vantagem aos EUA, como feito por Reagan muitas vezes durante a sua administração. A principal crítica do oficial contra a OMC é justamente a perda dessa vantagem. Ainda mais grave foi a aprovação da entrada da China na organização, o que possibilitou a concentração de fábricas e de toda uma cadeia de suprimento no inimigo geopolítico, ao mesmo tempo que aprofundou o *déficit* comercial americano em relação a China (LIGHTHIZER, 2022, p. 54-55, 65,92).

As alegações de Lighthizer em relação ao déficit comercial são comprovadas com dados da U. S International Trade Commission (USITC). O país amarga déficits constantes com a China há mais de 20 anos. Embora não seja possível afirmar uma

causalidade exclusiva devido ao grande número de variáveis macroeconômicas, também é fato que desde a entrada da China na OMC em dezembro de 2001 o *déficit* aumentou ainda mais.

Gráfico 01 – Saldo da Balança Comercial (Janeiro a Julho) por Ano



Fonte: U. S International Trade Comission (USITC), 2025. Elaboração própria.

Como é possível observar, nos últimos 25 anos, o *déficit* comercial aumentou muito, com seus piores valores em 2018, sob o governo Trump, com um *déficit* de US\$ 418.232 bilhões. Justamente o ano em que Trump impôs as tarifas retaliatórias. Obviamente a disputa comercial e geopolítica entre ambos os países compreende uma gama ampla e complexa de variáveis, não somente o *déficit* comercial. No entanto, é notável que o saldo negativo na balança teve influência na adoção de políticas mais duras contra o governo chinês.

Quanto a manufatura, dados do Banco Mundial também dão suporte ao argumento de Lighthizer. Entre 2000 e 2017, a manufatura passou de uma participação de 16,1% do PIB para 10,7%. Enquanto isso, a China também apresentou uma diminuição dessa porcentagem, de 31,5% para 27,6%, mantendo uma

participação da manufatura no PIB muito maior que os norte-americanos (WORLD BANK, 2025, s.p).

No que se refere a contenção da China, Donald Trump em seu livro *“The America We Deserve”* já demonstrava preocupações com a possível assimetria comercial, transferência de tecnologia norte-americana e o financiamento do exército chinês (TRUMP, 2000, p. 99-100). No texto, lançado em 2000, o presidente já tratava a China como o maior desafio a longo prazo dos Estados Unidos (TRUMP, 2000, p. 104). Anos depois, no seu livro *“Time to Get Tough: Making America Great Again”*, Trump fez acusações severas a China, acusando o país de manipulação de moeda e espionagem industrial. Ele também levantou argumentos sobre o *déficit* do país e argumentou em favor de tarifar os bens chineses (TRUMP, 2011, p. 11-12). Por fim, Trump também criticou a tomada de empregos dos norte-americanos para a China e a desastrosa campanha econômica de Barack Obama, que permitiu um crescimento chinês acima da média enquanto o *déficit* comercial em relação aos Estados Unidos só aumentou e milhões de empregos foram perdidos no país (TRUMP, 2011, p. 28-29)

Com esses argumentos, não é surpreendente que Trump tenha visto em Lighthizer o representante comercial ideal para planejar a contenção da China e a retomada da indústria e manufatura norte-americanas. Com isso, as tarifas passaram a ser a principal arma para atingir os objetivos do país. A base legal, notadamente o *Trade Act* de 1974, foi utilizada sob a justificativa de dano à indústria americana, fundamentada nas alegações de espionagem industrial e práticas discriminatórias endossadas pelo relatório da USTR de 2018 (USTR, 2018c, s.p).

Assim, as tarifas não foram implementadas como medidas isoladas, mas como a execução tática de uma estratégia de longo prazo destinada a conter o crescimento da China e revitalizar a indústria americana. Com o contexto político e as justificativas legais adequadamente situados, na seção seguinte serão analisados os dados de cada etapa do aumento tarifário e suas contrapartidas chinesas. Isso permitirá avaliar se a implementação dessas medidas realmente alcançou os objetivos econômicos que Washington havia idealizado.

3.1 AS TARIFAS APLICADAS NA SEÇÃO 201

A materialização da doutrina protecionista descrita no capítulo anterior começou em 07 de fevereiro de 2018, com a imposição de tarifas sobre painéis solares e máquinas de lavar para todo o mundo. Lighthizer justificou essas tarifas por conta do subsídio de US\$ 22.4 bilhões dado pela China entre 2013 e 2019 (LIGHTHIZER, 2022, p. 102). Até então, as tarifas norte-americanas cobriam 3% das importações chinesas, enquanto a China tarifava 8% das importações estadunidenses (BOWN, 2025, s. p).

Ao todo, na primeira rodada de tarifas sob a seção 201 do Trade Act, foram taxados oito códigos sob a classificação internacional HTS. As tarifas foram impostas sobre os seguintes códigos: 8541.40.60; 8501.31.80, 8501.61.00, 8507.20.80, todos envolvendo painéis solares (UNITED STATES, 2018c, p. 2). Já os códigos 8450.11.00, 8450.20.00, 8450.90.60 e 8450.90.20 envolveram máquinas de lavar (UNITED STATES, 2018d, p. 1-2). Para os painéis solares, a medida impôs uma tarifa inicial de 30% sobre o valor das importações, com redução programada para os anos seguintes (UNITED STATES, 2018c, p. 8). Já para as máquinas de lavar, foi estabelecido um sistema de cota tarifária: 20% para o volume inicial de 1,2 milhão de unidades e uma tarifa punitiva de 50% para o volume excedente (UNITED STATES, 2018d, p. 8-9).

Com os códigos, elaboramos a tabela 1 abaixo para estimar de forma mais precisa o impacto das tarifas nas importações.

Tabela 1 – Volume de importações dos bens tarifados em relação a China

Ano	Valor das importações dos produtos tarifados (USD)	Valor total das importações dos EUA com a China (USD)	Proporcional das importações totais (em %)
2016	\$2.597.432.279,00	\$ 462.419.991.603,00	0,56%
2017	\$1.046.489.663,00	\$ 505.165.228.786,00	0,21%
2018	\$673.988.151,00	\$ 538.514.158.526,00	0,13%
2019	\$656.353.337,00	\$ 449.110.676.707,00	0,15%
2020	\$853.032.093,00	\$ 432.548.018.651,00	0,20%

Fonte: U. S International Trade Commission (USITC), 2025. Elaboração própria.

É possível observar que os bens tarifados representam uma parcela muito baixa das importações de bens chineses. No entanto, com as tarifas as importações desses produtos diminuíram ainda mais. Se considerarmos a proporção em relação às importações totais dos EUA os objetos das tarifas aparentam ter uma relevância ainda menor. Por exemplo, em 2017, as importações totais dos EUA foram no valor de US\$ 2.33 bilhões, ou seja, as importações de painéis solares e máquinas de lavar representaram 0,045% do total de importações do governo dos EUA (USITC, 2025, s.p).

Considerando apenas uma média dos dois anos anteriores e posteriores as tarifas houve uma queda de US\$ 2,31 bilhões no total exportado dos produtos selecionados, sendo uma queda de 63%. Considerando o valor anual o impacto de 2017 para 2018 foi uma diminuição de US\$ 372 milhões, equivalente a 35,6%.

É possível observar uma diminuição das importações a partir do início das tarifas. No entanto, já havia uma tendência de queda no mercado. Em 2017 teve menos da metade de importações dos produtos do que o ano anterior. Essa queda manteve as importações em uma média mais baixa nos anos seguintes.

Embora as tarifas tenham tido impacto moderado na economia americana, não houve retaliação por parte da China. Contudo, esse foi apenas o primeiro passo dos EUA rumo a uma política tarifária mais extensa.

3.2 AS TARIFAS APLICADAS NA SEÇÃO 232 DO TRADE EXPANSION ACT E A RESPOSTA CHINESA

No dia 23 de março de 2018, os Estados Unidos implementaram tarifas sobre importações de aço e alumínio, amparados pela Seção 232 do *Trade Expansion Act* (UNITED STATES, 2018e; UNITED STATES, 2018f). A medida impôs uma sobretaxa de 25% sobre o aço e de 10% sobre o alumínio. Aqui é importante citar que as tarifas não tiveram como objeto apenas a China, diversos países foram afetados pelas tarifas.

A Tabela 2 evidencia a magnitude dessa mudança, apresentando o valor total importado dos produtos tarifados, bem como a participação desses produtos no total das importações americanas de produtos chineses e no total das importações de aço e alumínio pelos americanos.

Tabela 2 – Mensuração do volume de importações de aço e alumínio

Ano	Importações de Aço e Alumínio Chinês (US\$ Bi)	Importações Americanas de Aço e Alumínio Mundial (US\$ Bi)	Importações Americanas Totais de Bens Chineses (US\$ Bi)	Participação: Aço+Alum. chinês nas Imp. Americanas de bens chineses (%)	Participação: Aço+Alum. chinês nas Imp. Americanas totais de aço e alumínio (%)
2016	\$2.287.143.103,00	\$35.159.278.985,00	\$462.419.991.603,00	0,49%	6,51%
2017	\$2.842.914.840,00	\$46.394.757.477,00	\$505.165.228.786,00	0,56%	6,13%
2018	\$2.023.530.800,00	\$46.906.654.799,00	\$538.514.158.526,00	0,38%	4,31%
2019	\$1.484.949.449,00	\$39.556.977.804,00	\$449.110.676.707,00	0,33%	3,75%
2020	\$1.080.159.573,00	\$28.625.853.446,00	\$432.548.018.651,00	0,25%	3,77%

Fonte: U. S International Trade Commission (USITC), 2025. Elaboração própria.

Analizando o volume de importações dos produtos de aço e alumínio nos anos que antecederam a medida, observa-se um fluxo considerável: US\$ 2.2 bilhões em 2016 e US\$ 2.8 bilhões em 2017. No ano da implementação (2018), o valor de importações do aço e do alumínio chinês diminuiu em quase US\$ 800 milhões, enquanto as importações mundiais do produto aumentaram ligeiramente. Nos anos seguintes, houve uma diminuição considerável da compra de aço e alumínio chinês, passando a marca de US\$ 2 bilhões em importações do produto apenas em 2022.

Os números podem indicar certo sucesso da tarifa, tanto de imediato quanto no longo prazo. Porém, a China não ficou inerte mediante a imposição dessas tarifas. E, em 2 de abril de 2018, retaliou os Estados Unidos ao impor uma tarifa de 15% sobre 128 itens, entre eles frutas frescas, nozes, vinho e outros produtos agrícolas. Uma tarifa maior, de 25%, foi imposta sobre carne suína e resíduos de alumínio. Os itens tarifados pela China correspondiam a US\$ 2.44 bilhões em exportações dos EUA, um valor bruto próximo ao que representavam as importações de aço e alumínio chinês, que em 2017 representaram US\$ 2.84 bilhões das importações norte-americanas (USITC, 2025, s.p). No comunicado em que anunciou as tarifas, a China acusou os EUA de impor medidas de salvaguarda e violar as regras da Organização Mundial do Comércio (CHINA, 2018b, s.p).

3.3 AS TARIFAS APLICADAS NA SEÇÃO 301 DO TRADE ACT E AS RETALIAÇÕES CHINESAS

No dia 15 de junho de 2018, o governo americano publicou a lista de tarifas que se tornou o ponto mais inflexível da Guerra Comercial. Sob a seção 301 do Trade Act instituiu uma lista de 1.333 itens a serem taxados em 25%. A taxaçoão foi fruto de uma investigação sobre a transferência de tecnologia e propriedade intelectual. Em nota, a USTR mencionou:

“Estes atos, políticas e práticas da China incluem aquelas que coagem as empresas americanas a transferir a sua tecnologia e propriedade intelectual para empresas nacionais chinesas. Eles reforçam a intenção declarada da China de tomar o domínio econômico de certos setores de tecnologia avançada, conforme estabelecido em seus planos industriais, como “Made in China 2025” (USTR, 2018b, s.p, tradução nossa)”

As acusações do órgão de comércio têm como base um relatório de mais de duzentas páginas que reúne evidências e provas do roubo de propriedade intelectual e tecnologia americana por meio de práticas injustas (USTR, 2018c). A lista de tarefas foi revisada e a publicada definitivamente entrou em vigor em 6 de julho de 2018, com 818 itens, incluindo diversos componentes industriais, equipamentos de transportes e produtos químicos industriais (USTR, 2018b, s.p).

É importante citar que até o momento as duas rodadas de tarifas instituídas tinham como objeto todo o mundo. As tarifas da seção 301 foram as primeiras direcionadas somente para a China e apresentaram o maior impacto em cobertura das importações norte-americanas até então. O detalhe é que as tarifas foram divididas em duas etapas. A inicial cobrindo US\$ 34 bilhões, a partir de 06 de julho de 2018 e uma segunda lista cobrindo US\$ 16 bilhões de importações chinesas a ser implementada posteriormente (USTR, 2018b, s.p). A tabela 3 demonstra o impacto geral das tarifas da primeira lista nas importações americanas.

Tabela 3 – Mensuração do volume na seção 301 (1ª Rodada)

Ano	Importações de Produtos da seção 301 Chinês (US\$ Bi)	Importações Americanas de bens tarifados na seção 301 (US\$ Bi)	Importações Americanas Totais de Bens Chineses (US\$ Bi)	Participação: dos bens tarifados nas Imp. Totais Americanas de bens chineses (%)	Participação: dos bens tarifados nas Imp. Americanas dos bens tarifados (%)
2016	\$32,202,777,355	\$456,514,816,343	\$462.419.991.603,00	6,96%	7,05%
2017	\$35,247,099,820	\$479,737,999,127	\$505.165.228.786,00	6,98%	7,35%
2018	\$34,322,302,283	\$500,071,115,352	\$538.514.158.526,00	6,37%	6,86%
2019	\$26,055,015,175	\$508,656,272,849	\$449.110.676.707,00	5,80%	5,12%
2020	\$23,624,411,920	\$425,157,829,496	\$432.548.018.651,00	5,46%	5,56%

Fonte: U. S International Trade Commission (USITC), 2025. Elaboração própria.

O valor dos bens tarifados passou de uma participação de 0,56% nas importações chinesas para 6,98%. Considerando apenas as importações dos bens tarifados, em 2017, foram US\$ 35 bilhões. A China decidiu por uma retaliação em US\$ 50 bilhões em bens importados dos EUA. Da mesma forma que os EUA fizeram, sua retaliação foi dividida em duas fases, uma lista inicial de US\$ 34 bilhões (equivalente ao que foi taxados pelos norte-americanos) e uma segunda fase de tarifas em US\$ 16 bilhões a ser implementada posteriormente (CHINA, 2018a, s.p). A primeira lista implementada continha 545 itens e um efeito em aproximadamente 22,83% das importações chinesas de bens norte-americanos. As tarifas estadunidenses, conforme a tabela 3, atingiam apenas 6,98% das importações americanas de bens chineses.

Um mês depois, em 23 de agosto de 2018, passou a vigorar a lista norte-americana sobre os US\$ 16 bilhões já anunciados, com tarifas de 25% e cobrindo 284 produtos. Dentre os bens afetados havia motores de veículos, motocicletas, condutores elétricos, circuitos integrados e produtos químicos (USTR, 2018d, s.p). Dessa vez, o montante afetado foi de US\$ 15,2 bilhões, ou 3,01% das importações totais de produtos chineses. Quanto a participação chinesa nas importações norte-americanas desses bens, o montante chegou a 10,75% em 2017 (USITC, 2025, s.p). A retaliação chinesa veio na forma de uma lista revisada e cobriu US\$ 16 bilhões das importações anuais (CHINA, 2018c). A participação da lista nas importações de bens norte-americanos foi de 16,82% (USITC, 2025, s.p).

A imposição de tarifas recíprocas não agradou em nada os EUA, que declararam o desejo em taxar mais US\$ 200 bilhões em importações chinesas como resultado da retaliação chinesa e falha em mudar suas práticas. O desejo se concretizou em 24 de setembro de 2018, quando foram impostas tarifas de 10% em mais de 5.000 itens importados da China (USTR, 2018e, s.p). O montante foi o maior até aquele momento e representou 32,78% das importações totais de bens chineses. Das importações totais desses bens, em 2017, 19,11% do valor deles advinha de importações chinesas (USITC, 2025, s.p).

A China novamente retaliou a imposição de tarifas, mas pela primeira vez a retaliação não foi no mesmo montante que as tarifas impostas. O país respondeu com a imposição de tarifas no montante de US\$ 60 bilhões, diversificadas entre quatro listas, de 25%, 20%, 10% e 5%, somando 5207 itens (CHINA, 2018d, s.p). As tarifas representaram um total de 40,72% das importações chinesas de bens norte-americanos. Somente em 2017, a China importou US\$ 129 bilhões dos EUA, de forma que seria impossível retaliar com importações do mesmo montante (USITC, 2025, s.p). No entanto, a China decidiu por diminuir as alíquotas para apenas 5% e 10% no momento da retaliação, o que diminuiu muito o impacto das tarifas (CHINA, 2018e, s.p)

Após essa imposição, houve uma pausa significativa no conflito e até mesmo um pequeno corte de tarifas sobre automóveis por parte da China. As tarifas sobre automóveis parecem ter sido um ponto sensível aos norte-americanos. Em 28 de novembro de 2018, o Representante Comercial dos EUA Robert Lighthizer declarou que estas tarifas estavam causando graves danos aos trabalhadores e fabricantes dos EUA. Ele também afirmou que a China nunca se sentou a mesa de negociação para discutir as tarifas automotivas (USTR, 2018f, s.p). Como resultado desse apelo, o presidente Xi Jinping se reuniu com Donald Trump na cúpula do G20 em Buenos Aires. No encontro os presidentes acordaram em suspender por três meses tarifas de automóveis e peças originárias dos EUA envolvendo 211 itens fiscais, com início em 14 de dezembro de 2018. A suspensão prevista para durar três meses foi renovada no fim de março (CHINA, 2018f, s.p).

A pausa nas tensões durou até junho de 2019, quando os EUA aumentaram de 10% para 25% as tarifas sobre a terceira lista publicada e que cobria mais de 5.000 itens e US\$ 200 bilhões em importações chinesas (USTR, 2019a, s.p). Em resposta,

a China utilizou novamente a sua terceira retaliação que foi dividida em quatro listas de 25%, 20%, 10% e 5%. Na prática o país apenas reorganizou as quatro listas, passando a maioria das tarifas de 20%, 10% e 5% para 25%. Os bens continuaram a atingir cerca de US\$ 60 bilhões em importações (CHINA, 2019a, s.p).

O aumento das tensões não parou aí. No dia 01 de setembro de 2019, os EUA impuseram uma nova rodada de tarifas dividida em duas partes. A lista 4 A taxava em 15% até US\$ 165 bilhões de itens, enquanto a lista 4 B, a ser publicada posteriormente, taxava mais US\$ 150 bilhões em importações. No total, os EUA pretendiam atingir mais de US\$ 300 bilhões em importações de bens chineses (USTR, 2019a, s.p). Como retaliação, a China retomou as tarifas sobre automóveis e peças e impôs taxas de 10% e 5% sobre 1700 itens, correspondendo a US\$ 32 bilhões. O país também prometeu uma segunda lista que cobriria mais de 3.000 itens e cobriria 36,26% das importações de bens americanos (CHINA, 2019b, s.p; CHINA, 2019c, s.p).

A segunda parte dessa quarta rodada de tarifas foi planejada para entrar em vigor em dezembro. Ainda em setembro, a comissão tarifária da China anunciou a primeira lista de exclusão de tarifas do montante anunciado na quarta rodada de retaliações (CHINA, 2019d, s.p). Em 28 de outubro de 2019, os EUA anunciaram que considerariam a extensão de exclusões tarifárias para produtos específicos dentro da lista de US\$ 34 bilhões, cujas isenções estavam prestes a expirar (USTR, 2019b, s.p).

Após uma rodada de negociações, em 13 de dezembro de 2019 os Estados Unidos e a China anunciaram o acordo de fase um, pausando os aumentos de tarifas e diminuindo de 15% para 7.5% as tarifas implementadas na lista 4 A. Todas as tarifas implementadas até então continuaram valendo, porém as listas 4 B dos EUA e a equivalente retaliação chinesa foram canceladas e nunca entraram em vigor. Além disso ficou previsto um compromisso por parte da China em melhorar a proteção intelectual, acabar com a transferência forçada de tecnologia, remover barreiras não tarifárias para produtos agrícolas norte-americanos e comprar cerca de US\$ 200 bilhões de bens estadunidenses durante um período de dois anos (USTR, 2019c, s.p; UNITED STATES and CHINA, 2020).

4 OS EFEITOS CONSOLIDADOS DAS RODADAS DE TARIFAS

Diante da exposição detalhada de cada etapa do conflito, torna-se possível consolidar os dados para uma análise comparativa do efeito das tarifas.

É possível observar que os Estados Unidos tiveram uma capacidade de barganha muito maior por conta do seu enorme *déficit* comercial de US\$ 375,168 bilhões em 2017. E, por conta disso, conseguiram escalar as tarifas para cobrir centenas de bilhões de dólares em importações atingindo quase a totalidade dos bens chineses na última lista (USITC, 2025, s.p). A China ficou limitada pelo menor volume de compras dos EUA e a partir da lista 3 já não conseguiu retaliar no mesmo montante, demonstrando o esgotamento da sua capacidade de retaliação recíproca nas últimas duas rodadas. Esse fato demonstra uma assimetria notável no conflito e como as tarifas podem ser utilizadas como um mecanismo de vantagem para o país com um *déficit* comercial maior. Também ficou claro, ao longo da evolução do conflito, como houve uma escalada e deterioração da relação entre os países. O conflito, que se iniciou com medidas de salvaguarda globais de baixo impacto específico, escalou para um regime de protecionismo total, onde praticamente todos os bens transacionados entre as duas potências acabaram sendo tarifados.

A Tabela 4 sintetiza etapa a etapa a escalada da guerra comercial, evidenciando a disparidade de volumes entre as ações americanas e as respostas chinesas.

Tabela 4 – Comparativa das Rodadas Tarifárias e Retaliações (Ano-Base 2017)

Rodada de tarifas	Volume de Importações dos EUA vindas da China Afetadas (US\$ Bi) - 2017	Participação Acumulada nas Importações (EUA - China) (%)	Valor da tarifa de retaliação chinesa	Participação Acumulada nas Importações (China-EUA) (%)
Seção 201 (Painéis/Lavadoras)	\$1.046.489.663	0,21%	N/A	N/A
Seção 232 (Aço/Alumínio)	\$3.859.130.152	0,76%	\$2.449.388.105	1,88%
Seção 301 - Lista 1 (Itens variados)	\$36.043.577.939	7,14%	\$30.552.859.204	23,50%

Seção 301 - Lista 2 (Itens variados)	\$49.717.797.000	9,84%	\$42.713.695.684	32,86%
Seção 301 - Lista 3 (Itens variados)	\$213.572.595.680	42,28%	\$92.443.146.006	71,11%
Seção 301 - Lista 3 Aumento (Itens variados)	\$213.572.595.680	42,28%	\$92.443.146.006	71,11%
Seção 301 - Lista 4A (Itens variados)	\$309.785.058.605	61,32%	\$97.885.963.822	75,30%
Seção 301 - Lista 4B (Itens variados)	\$458.934.091.591	90,86%	\$99.116.783.832	76,25%
Acordo Fase 1 (Redução L4A)	\$309.785.058.605	61,32%	\$97.885.963.822	75,30%

Fonte: U. S International Trade Commission (USITC), 2025. Elaboração própria.¹

Outra questão que ficou evidente a partir da tabela 4 é como o acordo de fase 1 manteve um alto volume comercial ainda sob tarifas. O acordo não demonstrou ser um fim do conflito, mas uma mera pausa e uma afirmação de que uma nova política comercial sairia dali. Embora a partir da análise dos dados pareça que a China foi o país que menos cedeu do acordo, na prática a realidade é outra, uma vez que o país assumiu uma série de compromissos, entre eles a compra de US\$ 200 bilhões em produtos norte-americanos pelo período de dois anos (UNITED STATES, CHINA, 2020).

Após essa análise é possível questionar: o conflito comercial possibilitou aos EUA atingir seus objetivos e reduzir o *déficit* comercial com a China, aumentar os empregos em solo norte-americano e proporcionar um aumento da manufatura no país?

Primeiro, quanto ao *déficit* comercial em relação a China, em 2017, ele foi de US\$ 375 bilhões, enquanto em 2018 aumentou para US\$ 418 bilhões. Em 2019 caiu para US\$ 342 bilhões, depois oscilou para US\$ 307 bilhões em 2020 e US\$ 352 bilhões em 2021. Aqui também não podemos esquecer dos efeitos da pandemia do COVID-19, que diminuiu consideravelmente o fluxo comercial dos países a partir de

¹ O volume de importações acumulado foi calculado a partir do volume de bens importados tarifados, extraído da base de dados da USITC, dividido pelo volume total de importações e exportações entre EUA e China no ano de 2017. A conta consiste em dividir o volume financeiro de cada rodada de tarifas pelo total comercializado naquele ano, sendo US\$ 129.997.227.243 em exportações americanas para a China e US\$ 505.165.228.786 de importações. A coluna acumulada mostra o crescimento progressivo dessa cobertura.

2020. Notadamente 2020 é o ano em que o *déficit* comercial norte-americano foi menor sob o governo Trump. A partir de 2020 há uma dificuldade em interpretar os dados relacionados ao *déficit* comercial com a China, uma vez que houve um aumento em 2021 com US\$ 352 bilhões e 2022 com US\$ 382 bilhões e uma queda brusca em 2023 com o total de US\$ 279 bilhões, 21,2% menor do que o de 2017, ano anterior ao início das tarifas. Caso a tendência de queda se mantenha no longo prazo, é possível considerar as políticas bem-sucedidas no seu objetivo, porém temos que considerar também os efeitos da segunda fase do conflito que iniciou em 2025 e aprofundaram muitos dos elementos colocados aqui (USITC, 2025, s.p).

Esse fato é estranho, uma vez que no acordo de fase um a China se comprometeu a comprar US\$ 200 bilhões em um período de dois anos. Ao que parece, o país não cumpriu a sua parte do acordo. É exatamente esse o argumento do economista Chad P. Bown:

“Pelo acordo, a China concordou em expandir as compras de certos bens e serviços dos EUA em US\$ 200 bilhões para o período de dois anos, de 1º de janeiro de 2020 a 31 de dezembro de 2021, acima dos níveis de referência de 2017. Ao final, a China comprou apenas 58 por cento do total das exportações de bens e serviços dos EUA ao longo de 2020-21 que havia se comprometido a comprar sob o acordo. Dito de outra forma, a China não comprou nada dos US\$ 200 bilhões adicionais de exportações dos EUA comprometidos no acordo” (BOWN, 2022, s.p, tradução nossa).

Por meio dessa observação é possível compreender que a política de redução do *déficit* comercial não tinha como objeto único as tarifas, mas também o acordo comercial de fase um, que ao menos em partes não foi cumprido pela China.

Contudo, embora o déficit em relação a China não tenha reduzido como o esperado, ao observarmos apenas o volume dos bens tarifados houve uma diminuição do volume de importações ano após ano. Em 2017, o volume de importações dos bens tarifados foi de US\$ 309 bilhões e diminuiu para US\$ 256 bilhões em 2019 e US\$ 233 bilhões em 2020 (USITC, 2025, s.p). Ao olhar somente as importações, em 2017, os EUA chegaram a US\$ 505 bilhões de importações de produtos chineses. Houve uma diminuição em 2019 com US\$ 449 bilhões e 2020 com US\$ 432 bilhões. No entanto, em 2021, o valor já voltou ao mesmo patamar anterior ao conflito comercial, com US\$ 504 bilhões (USITC, 2025, s.p).

Ao considerar o *déficit* comercial dos EUA em relação ao mundo todo a tendência é de alta praticamente ininterrupta. Em 2017, os EUA amargavam um *déficit* de US\$ 792 bilhões. Em 2021, o *déficit* chegou a US\$ 1.070 trilhão e, em 2022, a US\$ 1.167 trilhão.

No tocante a manufatura, conforme os dados do Banco Mundial, o indicador de valor adicionado da manufatura em relação ao PIB evidencia a estagnação da base industrial norte-americana, que caiu de 10,76% para 9,98% em 2024. Enquanto isso, a China também teve uma tendência de queda, de 27,60%, em 2017, para 24,87%, em 2024 (WORLD BANK, 2025, s.p). Quanto às exportações de manufaturados como % das exportações de mercadorias também houve uma diminuição para os EUA de 61,37%, em 2017, para 55,65%, em 2024. O que demonstra a falha no objetivo de revitalização industrial. A China também teve uma pequena diminuição de 93,51%, em 2017, para 91,16%, em 2018 (WORLD BANK, 2025, s.p).

No tocante a porcentagem da força de trabalho total de um país que está empregada no setor Industrial de 2017 a 2023, os EUA mantiveram o número praticamente inalterado de 19,43% a 19,34%. A China já teve um ligeiro aumento, de 30,01% para 31,84% (WORLD BANK, 2025, s.p). Quanto ao desemprego como porcentagem da força de trabalho, o valor permaneceu praticamente inalterado para os dois países. Os EUA 4,36%, em 2017, e 4,11%, em 2024, enquanto a China apresentou 4,47%, em 2017, e 4,57%, em 2024 (WORLD BANK, 2025, s.p). Tais dados demonstram que a estratégia de Lighthizer e Trump falhou ao tentar revitalizar a indústria dos Estados Unidos.

CONCLUSÃO

O presente artigo buscou analisar quantitativamente a estrutura e os impactos econômicos da primeira fase da Guerra Comercial entre Estados Unidos e China (2018-2021), investigando a eficácia das tarifas como instrumento de política externa e industrial. A partir da análise dos dados da USITC e do Banco Mundial, foi possível constatar que o conflito não se tratou apenas da imposição de restrições comerciais com o objetivo de ganho econômico, mas uma batalha baseada em uma ideologia pensada e colocada em prática pelo governo dos Estados Unidos que percebe a China como uma ameaça a longo prazo para sua hegemonia internacional. Além disso, o embate demonstrou um caráter de sobrevivência ao utilizar a legislação

norte-americana, em particular, o Trade Act e o Trade Expansion Act que tratam da segurança nacional do país.

Os resultados da análise quantitativa confirmaram uma assimetria de poder no conflito tarifário. Ficou demonstrado que os Estados Unidos utilizaram seu *déficit* comercial como uma vantagem tática, permitindo ao governo escalar as tarifas sobre um volume de importações muito superior à capacidade de resposta da China. Enquanto os EUA puderam impor taxas sobre centenas de bilhões de dólares em produtos, atingindo a quase totalidade da pauta de importação, a China viu sua capacidade de retaliação direta se esgotar rapidamente.

Entretanto, vimos que os objetivos declarados da administração Trump não estão de acordo com os indicadores macroeconômicos. O objetivo central de redução do *déficit* comercial bilateral não foi plenamente atingido, o *déficit* permaneceu elevado, sugerindo que as tarifas alteraram os fluxos comerciais, mas não corrigiram o desequilíbrio entre as duas nações. No tocante a reindustrialização americana, os dados de valor adicionado da manufatura (% do PIB) revelaram que a tendência de desindustrialização relativa não foi revertida. A participação da indústria na economia norte-americana caiu de 10,76% no início do conflito para patamares inferiores ao final do período analisado. Da mesma forma, os indicadores de emprego industrial não demonstraram um aumento da força de trabalho na manufatura como havia sido prometido.

Em resumo, a análise quantitativa desta primeira fase permite concluir que as tarifas foram eficazes como ferramenta de punição e coerção, trazendo a China para a mesa de negociações, o que não implicou no cumprimento do que foi acordado. Porém, no tocante a revitalização da indústria norte-americana e ao sufocamento do *déficit* comercial, as tarifas foram evidentemente pouco efetivas. A próxima fase da pesquisa irá focar no segundo período da guerra comercial entre Estados Unidos e China, especificamente após o retorno de Trump a presidência dos Estados Unidos, após o interregno Biden.

Denominado também de considerações finais, é a parte final do texto, onde são apresentadas conclusões correspondentes aos objetivos ou hipóteses. É um processo de síntese dos principais resultados, com comentários do autor e as contribuições trazidas pelo trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Gregory C. Choking off China's Access to the Future of AI. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/choking-chinas-access-future-ai>.

BOWN, Chad P. The 2021 Report on the United States and the WTO: The Trade Policy of the Biden-Harris Administration. *Journal of Policy Modeling*, [S. l.], v. 43, n. 1, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://www.chadpbown.com/wp-content/uploads/2023/01/Bown-JPM-2021.pdf>. Acesso em: 18 set. 2025.

BOWN, Chad P. US-China phase one tracker: China's purchases of US goods. Washington, D.C.: Peterson Institute for International Economics (PIIE), 2022. Disponível em: <https://www.piie.com/research/piie-charts/us-china-phase-one-tracker-chinas-purchases-us-goods>. Acesso em: 21 set. 2025.

BOWN, Chad P. US-China Trade War Tariffs: An Up-to-Date Chart. Washington, D.C.: Peterson Institute for International Economics (PIIE), 2025. Disponível em: <https://www.piie.com/research/piie-charts/2019/us-china-trade-war-tariffs-date-chart>. Acesso em: 19 set. 2025.

CHINA. Ministério das Finanças. Comissão de Tarifas Aduaneiras do Conselho de Estado. Aviso sobre a imposição de tarifas adicionais sobre 50 bilhões de dólares em mercadorias importadas originárias dos Estados Unidos (Listas de Produtos). Pequim, 16 jun. 2018a. Disponível em: http://gss.mof.gov.cn/gzdt/zhengcefabu/201806/t20180616_2930325.htm. Acesso em: 19 set. 2025.

CHINA. Ministério das Finanças. Comissão de Tarifas Aduaneiras do Conselho de Estado. Notificação sobre a suspensão das obrigações de concessão tarifária para alguns produtos importados originários dos Estados Unidos. Pequim, 1 abr. 2018b. Disponível em: http://gss.mof.gov.cn/gzdt/zhengcefabu/201804/t20180401_2857769.htm. Acesso em: 19 set. 2025.

CHINA. Ministério das Finanças. Comissão de Tarifas Aduaneiras do Conselho de Estado. Aviso sobre a imposição de tarifas adicionais em mercadorias importadas originárias dos Estados Unidos (Lista de US\$ 16 bilhões). Pequim, 8 ago. 2018c. Disponível em: http://gss.mof.gov.cn/gzdt/zhengcefabu/201808/t20180808_2983770.htm. Acesso em: 19 set. 2025.

CHINA. Ministério das Finanças. Comissão de Tarifas Aduaneiras do Conselho de Estado. Aviso sobre a imposição de tarifas adicionais em certas mercadorias importadas originárias dos Estados Unidos (Lista de US\$ 60 bilhões). Pequim, 3 ago. 2018d. Disponível em: http://gss.mof.gov.cn/gzdt/zhengcefabu/201808/t20180803_2980950.htm. Acesso em: 19 set. 2025.

CHINA. Ministério das Finanças. Comissão de Tarifas Aduaneiras do Conselho de Estado. Anúncio sobre a implementação de tarifas adicionais sobre

aproximadamente 60 bilhões de dólares em mercadorias importadas originárias dos Estados Unidos (Anúncio nº 8). Pequim, 18 set. 2018e. Disponível em: http://gss.mof.gov.cn/gzdt/zhengcefabu/201809/t20180918_3022593.htm. Acesso em: 19 set. 2025.

CHINA. Ministério das Finanças. Comissão de Tarifas Aduaneiras do Conselho de Estado. Anúncio sobre a suspensão da imposição de tarifas adicionais sobre automóveis e peças originários dos Estados Unidos. Pequim, 14 dez. 2018f. Disponível em: http://gss.mof.gov.cn/gzdt/zhengcefabu/201812/t20181214_3093440.htm. Acesso em: 19 set. 2025.

CHINA. Ministério das Finanças. Comissão de Tarifas Aduaneiras do Conselho de Estado. Anúncio sobre o aumento da alíquota de tarifas adicionais impostas a algumas mercadorias importadas originárias dos Estados Unidos (Anúncio nº 3). Pequim, 13 mai. 2019a. Disponível em: http://gss.mof.gov.cn/gzdt/zhengcefabu/201905/t20190513_3256788.htm. Acesso em: 19 set. 2025.

CHINA. Ministério das Finanças. Comissão de Tarifas Aduaneiras do Conselho de Estado. Anúncio sobre a retomada da imposição de tarifas adicionais sobre automóveis e peças originários dos Estados Unidos. Pequim, 23 ago. 2019b. Disponível em: http://gss.mof.gov.cn/gzdt/zhengcefabu/201908/t20190823_3372945.htm. Acesso em: 19 set. 2025.

CHINA. Ministério das Finanças. Comissão de Tarifas Aduaneiras do Conselho de Estado. Anúncio sobre a imposição de tarifas adicionais sobre certas mercadorias importadas originárias dos Estados Unidos (Terceiro Lote / US\$ 75 bilhões). Pequim, 23 ago. 2019c. Disponível em: http://gss.mof.gov.cn/gzdt/zhengcefabu/201908/t20190823_3372928.htm. Acesso em: 19 set. 2025.

CHINA. Ministério das Finanças. Comissão de Tarifas Aduaneiras do Conselho de Estado. Anúncio sobre a primeira lista de exclusão de mercadorias sujeitas a tarifas adicionais sobre importações originárias dos Estados Unidos (Anúncio nº 6). Pequim, 11 set. 2019d. Disponível em: http://gss.mof.gov.cn/gzdt/zhengcefabu/201909/t20190911_3384638.htm. Acesso em: 19 set. 2025.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. The United States and China agree to a trade truce. New York, NY, 16 dez. 2019. Disponível em: <https://www.cfr.org/article/united-states-and-china-agree-trade-truce>. Acesso em: 18 set. 2025.

GRAY, John V. et al. The reshoring phenomenon: what supply chain academics ought to know and should do. *Journal of Supply Chain Management*, v. 49, n. 2, p. 27-33, 2013.

IMAI, Kosuke. *Quantitative social science: an introduction*. Princeton: Princeton University Press, 2017.

ITAKURA, Ken. Evaluating the impact of the US–China trade war. *Asian Economic Policy Review*, v. 15, n. 1, p. 77-93, 2020.

LIGHTHIZER, Robert. *No trade is free: changing course, taking on China, and helping America's workers*. New York: Broadside Books, 2023.

MEDRI, Waldir. *Análise Exploratória de Dados*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011. Apostila do Curso de Especialização "Lato Sensu" em Estatística.

OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE (USTR). Fact Sheet: Section 201 Cases: Imported Large Residential Washing Machines and Imported Solar Cells and Modules. Washington, D.C., jan. 2018a. Disponível em: <https://ustr.gov/sites/default/files/files/Press/fs/201%20FactSheet.pdf>. Acesso em: 19 set. 2025.

OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE (USTR). Statement by U.S. Trade Representative Robert Lighthizer on Section 301 Action. Washington, D.C., 10 jul. 2018b. *Press Release*. Disponível em: <https://ustr.gov/about-us/policy-offices/press-office/press-releases/2018/july/statement-us-trade-representative>. Acesso em: 13 out. 2025.

OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE (USTR). Findings of the Investigation into China's Acts, Policies, and Practices Related to Technology Transfer, Intellectual Property, and Innovation Under Section 301 of the Trade Act of 1974. Washington, D.C., 22 mar. 2018c. Disponível em: <https://ustr.gov/sites/default/files/Section%20301%20FINAL.PDF>. Acesso em: 13 out. 2025.

OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE (USTR). Finalizes second tranche of tariffs on Chinese products. Washington, DC, ago. 2018d. Disponível em: <https://ustr.gov/about-us/policy-offices/press-office/press-releases/2018/august/ustr-finalizes-second-tranche>. Acesso em: 25 nov. 2025.

OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE (USTR). USTR Finalizes Tariffs on \$200 Billion of Chinese Imports in Response to China's Unfair Trade Practices. Washington, D.C., 18 set. 2018e. *Press Release*. Disponível em: <https://ustr.gov/about-us/policy-offices/press-office/press-releases/2018/september/ustr-finalizes-tariffs-200>. Acesso em: 13 out. 2025.

OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE (USTR). Statement on China's Auto Tariffs. Washington, D.C., 28 nov. 2018f. *Press Release*. Disponível em: <https://ustr.gov/about-us/policy-offices/press-office/press-releases/2018/november/ustr-statement-china%E2%80%99s-auto>. Acesso em: 13 out. 2025.

OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE (USTR). USTR Announces Next Steps on Proposed 10 Percent Tariff on Imports from China. Washington, D.C., 13 ago. 2019a. *Press Release*. Disponível em:

<https://ustr.gov/about-us/policy-offices/press-office/press-releases/2019/august/ustr-announces-next-steps-proposed>. Acesso em: 13 out. 2025.

OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE (USTR). USTR to Consider Extending Certain Tariff Exclusions on \$34 Billion of Chinese Imports. Washington, D.C., 28 out. 2019b. Press Release. Disponível em: <https://ustr.gov/about-us/policy-offices/press-office/press-releases/2019/october/ustr-consider-extending-certain>. Acesso em: 19 out. 2025.

OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE (USTR). United States and China Reach Phase One Trade Agreement. Washington, D.C., 13 dez. 2019c. Press Release. Disponível em: <https://ustr.gov/about-us/policy-offices/press-office/press-releases/2019/december/united-states-and-china-reach>. Acesso em: 19 out. 2025.

OLIVEIRA, Marcelo Fernandes de. O USTR e a Formulação da Política Externa Comercial dos Estados Unidos. *Brazilian Journal of International Relations*, Marília, SP, v. 10, n. 3, p. 699–700, 2021. DOI: 10.36311/2237-7743. 2021.v10n3.p699-720. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjir/article/view/17911>. Acesso em: 24 nov. 2025.

PIATANESI, Benedetta; ARAUZO-CAROD, Josep-Maria. Backshoring and nearshoring: An overview. *Growth and Change*, v. 50, n. 3, p. 806-823, 2019.

TRUMP, Donald J. *Time to get tough: making America #1 again*. Washington, DC: Regnery Publishing, 2011.

TRUMP, Donald J.; SHIFLETT, Dave. *The America we deserve*. Los Angeles: Renaissance Books, 2000.

UNITED STATE and CHINA. Economic and Trade Agreement Between the United States of America and the People's Republic of China. Washington, D.C.: Office of the United States Trade Representative, 15 jan. 2020. Disponível em: https://ustr.gov/sites/default/files/files/agreements/phase%20one%20agreement/Economic_And_Trade_Agreement_Between_The_United_States_And_China_Text.pdf. Acesso em: 13 out. 2025.

UNITED STATES. Proclamation 9740 of April 30, 2018. Adjusting imports of steel into the United States. *Federal Register*, Washington, DC, v. 83, n. 88, p. 20241-20248, 7 mai. 2018a. Disponível em: <https://www.federalregister.gov/documents/2018/05/07/2018-09841/adjusting-imports-of-steel-into-the-united-states>. Acesso em: 18 set. 2025.

UNITED STATES. Proclamation 9739 of April 30, 2018. Adjusting imports of aluminum into the United States. *Federal Register*, Washington, DC, v. 83, n. 88, p. 20233-20239, 7 mai. 2018b. Disponível em: <https://www.federalregister.gov/documents/2018/05/07/2018-09840/adjusting-imports-of-aluminum-into-the-united-states>. Acesso em: 18 set. 2025.

UNITED STATES. Proclamation 9693 of January 23, 2018: To Facilitate Positive Adjustment to Competition From Imports of Certain Crystalline Silicon Photovoltaic Cells (Whether or Not Partially or Fully Assembled Into Other Products) and for Other Purposes. Federal Register, Washington, D.C., v. 83, n. 16, p. 3541-3552, 25 jan. 2018c. Disponível em: <https://www.federalregister.gov/documents/2018/01/25/2018-01592/to-facilitate-positive-adjustment-to-competition-from-imports-of-certain-crystalline-silicon>. Acesso em: 13 out. 2025.

UNITED STATES. Proclamation 9694 of January 23, 2018: To Facilitate Positive Adjustment to Competition From Imports of Large Residential Washers. Federal Register, Washington, D.C., v. 83, n. 16, p. 3553-3558, 25 jan. 2018d. Disponível em: <https://www.federalregister.gov/documents/2018/01/25/2018-01604/to-facilitate-positive-adjustment-to-competition-from-imports-of-large-residential-washers>. Acesso em: 13 out. 2025.

UNITED STATES. Proclamation 9705 of March 8, 2018: Adjusting Imports of Steel Into the United States. Federal Register, Washington, D.C., v. 83, n. 51, p. 11619-11624, 15 mar. 2018e. Disponível em: <https://www.federalregister.gov/documents/2018/03/15/2018-05478/adjusting-imports-of-steel-into-the-united-states>. Acesso em: 13 out. 2025.

UNITED STATES. Proclamation 9704 of March 8, 2018: Adjusting Imports of Aluminum Into the United States. Federal Register, Washington, D.C., v. 83, n. 51, p. 11625-11631, 15 mar. 2018f. Disponível em: <https://www.federalregister.gov/documents/2018/03/15/2018-05477/adjusting-imports-of-aluminum-into-the-united-states>. Acesso em: 13 out. 2025.

UNITED STATES. Public Law 117-167. H.R. 4346 - CHIPS and Science Act. Washington, DC: U.S. Government Publishing Office, 9 ago. 2022a. Disponível em: <https://www.congress.gov/bill/117th-congress/house-bill/4346/text>. Acesso em: 17 nov. 2025.

UNITED STATES. Public Law 117-169. Inflation Reduction Act of 2022. Washington, DC: U.S. Government Publishing Office, 16 ago. 2022b. Disponível em: <https://www.congress.gov/bill/117th-congress/house-bill/5376/text>. Acesso em: 17 nov. 2025.

UNITED STATES. Trade Act of 1974. Public Law 93-618. Compilado até 22 dez. 2023. Washington, D.C.: U.S. Government Publishing Office, 23 jan. 2024. Disponível em: <https://www.govinfo.gov/content/pkg/COMPS-10384/pdf/COMPS-10384.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2025

UNITED STATES. Trade Expansion Act of 1962. Public Law 87-794, 11 out. 1962. Washington, D.C.: U.S. Government Publishing Office, 1962. Disponível em: <https://www.govinfo.gov/content/pkg/CPRT-87HPRT81081O/pdf/CPRT-87HPRT81081O.pdf>. Acesso em: 14 out. 2025.

UNITED STATES INTERNATIONAL TRADE COMMISSION. Economic Impact of Section 232 and 301 Tariffs on U.S. Industries. Investigation No. 332-591, USITC

Publication 5405. Washington, D.C.: USITC, mar. 2023. Disponível em: <https://www.usitc.gov/publications/332/pub5405.pdf>. Acesso em: 14 out. 2025.

UNITED STATES INTERNATIONAL TRADE COMMISSION (USITC). USITC DataWeb: General Imports: General Customs Value (In Actual Dollars). Washington, D.C. 2025. Disponível em: <https://dataweb.usitc.gov/trade/search/GenImp/HTS>. Acesso em: 21 nov. 2025.

WALT, Stephen M. Is Biden's Foreign Policy Failing? Foreign Policy, Washington, D.C., 30 set. 2021. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2021/09/30/is-bidens-foreign-policy-failing/>. Acesso em: 05 set. 2025.

WORLD BANK. Exports of goods and services (current US\$) - United States.

Disponível em:

<https://data.worldbank.org/indicator/NE.EXP.GNFS.CD?end=2021&locations=US&start=1971>. Acesso em: 21 nov. 2025.

WORLD BANK. GPD (constant 2015 US\$) - United States. Disponível em:

<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD?locations=US&view=chart>.

Acesso em: 21 nov. 2025.

WORLD BANK. Industry (including construction), value added (% of GDP) - United States, World. Disponível em:

<https://data.worldbank.org/indicator/NV.IND.TOTL.ZS?locations=US-1W&view=chart>.

Acesso em: 21 nov. 2025.

WORLD BANK. Manufacturing, value added (% of GDP). Disponível em:

https://data360.worldbank.org/en/indicator/WB_WDI_NV_IND_MANF_ZS?view=trend&country=USA%2CCHN. Acesso em: 21 nov. 2025.

XU, Yongdong. From Hamilton to Trump: Examining the Evolution, Logic and Resurgence of US Tariff Policy. Asia Pacific Economic and Management Review, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 1-6, out. 2025. Disponível em:

<https://doi.org/10.62177/apemr.v2i5.727>. Acesso em: 18 nov. 2025.